



## Como a juventude deve se colocar diante do impeachment

Está claro que a derrubada do governo de Dilma Rousseff por meio do impeachment é um golpe chefiado pelo PSDB. O que deve ficar claro é que lutar contra o impeachment não implica necessariamente apoiar o governo. Ocorre que o movimento do PT, PCdoB, CUT, MST e UNE é de apoio ao governo.

Por que devemos lutar contra o golpe sem apoiar o governo? 1) porque o impeachment cassa o voto de 54 milhões que elegeram Dilma. Defendemos o princípio democrático de que somente quem elegeru pode destituir o eleito. O Congresso Nacional não apenas não está sob o controle da população, como está acima e oposto à

maioria oprimida. Os explorados e a juventude devem dizer: somente nós que elegemos podemos destituir a presidente. Vocês, deputados, representam a minoria capitalista. Não representam de fato o povo. Destituir Dilma é golpe; 2) não apoiamos Dilma porque é um governo burguês. É responsável por medidas antipopulares (destruiu direitos trabalhistas e previdenciários) e antinacionais (privatizações, proteção do capital financeiro). Organizamos nossa luta a partir de nossas reivindicações, que se colocam tanto contra o governo petista, quanto contra os partidos da oposição golpista.

*Não ao impeachment! Abaixo o golpe!*

## Chapa da ocupação ganha o Grêmio

Os estudantes que ocuparam uma escola na região da Lapa montaram chapa e ganharam as eleições para o grêmio. O programa defende: 1) uma entidade independente, democrática e de luta; 2) defesa das assembleias, enquanto fórum de discussão, deliberação e execução das decisões; 3) um conjunto de reivindicações, que inclui a manutenção da luta contra o fechamento das escolas e por questões específicas (infraestrutura); 4) defesa dos métodos de luta da classe operária: ocupação, bloqueio de

ruas e avenidas, greves estudantis e unificadas com professores e funcionários; 5) unificação do movimento secundarista: defesa dos comandos estudantis que funcionem como instrumento centralizador da luta, definindo reivindicações e atos unificados; 6) independência política do grêmio em relação à direção da escola, diretoria de ensino, Estado e burguesia e 7) defesa da independência financeira de modo a garantir a independência política.

## Manter a mobilização para conquistar o transporte gratuito

A diretora e vice-diretora de uma escola em Itaquaquecetuba enganou os estudantes. Garantiu passe livre a 270 alunos, mas não passou de uma mentira para quebrar a organização do grêmio. Além disso, proibiu que os estudantes se reunissem sem prévio conhecimento da pauta e limitou em 30 alunos por reunião.

Os estudantes não se dobraram. Constituíram a chapa que expressa a continuação da luta pelo transporte gratuito, a defesa da unidade e mobilização ao redor das necessidades elementares não garantidas pelo Estado e acobertadas pela diretoria. Colocam-se contra o fechamento das escolas em 2017, fechamento de salas e do curso noturno, incluindo o EJA. Defendem a unificação dos estudantes das escolas de Itaquaquecetuba, por entender que todas sofrem com a mesma precarização. Erguem a bandeira de Grêmio independente, democrático e de luta. Defendem um movimento apoiado na democracia estudantil das assembleias e nos métodos de ação direta da classe operária. Um jornal democrático do grêmio com livre manifestação política. Por fim, se colocam contra a direção burocrática e governista da UMES e UBES, objetivando a construção de uma direção de luta e independente do governo.

## Escola Estadual Plínio Gonçalves realiza sua primeira assembleia estudantil

Os alunos da Escola Estadual Plínio Gonçalves de São Sebastião realizaram, no dia 23 de março, uma Assembleia Estudantil. O objetivo foi dar início à organização do grêmio. Os estudantes contaram com a ajuda dos professores que explicaram como funciona uma assembleia, que compõe uma mesa de 3 a 5 estudantes que a coordena, consistindo em anotar as inscrições das falas, propostas e encaminhamento da votação; a marcação do tempo das falas e dar voz a todos; a votação das propostas colocando em prática a decisão da maioria; etc.

Neste momento em que a educação é golpeada pelos governos é necessário se organizar no interior de cada escola para defender o não fechamento das salas e dos turnos, como vem ocorrendo há anos. Explicou-se também o caráter da independência política que deve ter o grêmio para que seja de fato um instrumento de luta. Mostrando que, na maioria das escolas, é organizado pelos diretores e coordenadores que os utilizam como correia de transmissão da política destruidora do governo.

Ao final da Assembleia, os estudantes elegeram uma comissão eleitoral que irá dar continuidade ao processo de eleição do grêmio. Essa experiência real, de democracia direta, tem sido sistematicamente negada aos estudantes e professores ao longo dos anos. O desafio é que experiências como essas não continuem isoladas.

# Secundaristas do Litoral Norte questionam o dirigente de ensino e seus tarefeiros no ato contra o fechamento das salas e roubo da merenda

Os secundaristas de Caraguatatuba, São Sebastião e Ubatuba promoveram no dia 29 de março um ato contra o fechamento das mais de 50 salas de aulas na região, roubo da merenda e em defesa dos grêmios livres. O ato contou com a participação de escolas estaduais, técnicas e universitárias, que se somaram à defesa da educação pública contra a precariedade do ensino.

Os secundaristas ocuparam a recepção da Diretoria de Ensino e exigiram entrar para que fossem ouvidos. Instalaram uma assembleia e decidiram que “ou entrariam todos ou então que viessem até nós”. Diante dos jograis, gritos de ordem e a célebre música das ocupações, obrigou a dirigente e seus supervisores a saírem. Estes mostraram o seu ódio e preconceito aos jovens em luta perguntando “quem é você?, de qual escola? é professor da rede?”, procurando intimidar e deslegitimar a ação.

## Por que a polícia de Alckmin reprime os secundaristas?

Nossa luta contra a “reorganização” da rede pública de ensino nos despertou para a política. Não para a política burguesa, eleitoral, mas para a política dos explorados. É isso mesmo, existem duas políticas: a dos exploradores e a dos explorados.

Durante o tempo em que ficamos desmobilizados, não tivemos como descobrir as duas políticas e o quanto são opostas. Com as ocupações e manifestações de rua, vimos que política devemos abraçar ou rejeitar. O governo sabe perfeitamente que estamos caminhando rumo a um grande movimento da juventude. O que fortalecerá a política da classe operária. Está aí por que precisa reprimir nossas manifestações com a violenta PM. Mas a política dos explorados serve para defender as reivindicações e impulsionar a organização coletiva da juventude. Depois do grande movimento de ocupações, voltamos às assembleias e manifestações de rua.

Três reivindicações nos têm guiado: 1) manter a luta contra o fechamento de salas e de escolas, ou seja, contra a “reorganização silenciosa”, como temos chamado as medidas de Alckmin; 2) combater a interferência do governo na organização dos grêmios; ou seja, exigimos a autonomia da escola diante do governo e total liberdade para os estudantes decidirem sob a forma de nossa organização, que no caso são os grêmios livres; 3) denunciar e exigir punição à quadrilha que saqueou a merenda escolar, o que significa responsabilizar o governo de Alckmin pela máfia da merenda. Com essas três reivindicações, voltamos às ruas e devemos aumentar a força de nosso movimento, realizando assembleias em todas as escolas.

## Lições das manifestações secundaristas

Ganhamos às ruas nos dias 29 de março, 6 e 8 de abril. Em todas elas, fomos cercados pela polícia. Mas a repressão do dia 6 foi a demonstração do que vamos enfrentar com o avanço da luta. Depois da manifestação em frente à Secretaria da Educação, marchamos para a Av. Rio Branco, onde a tropa de choque nos atacou. A terceira manifestação, de 8 de abril, na Praça Roosevelt, também tivemos de suportar a violência policial. O governo e sua polícia servem para manter a exploração do trabalho, a pobreza e a miséria da maioria a todo custo. Não temos liberdade de livre manifestação e organização. Fala-se muito em democracia, direitos, cidadania e liberdade de expressão. Mas servem somente à burguesia, aos nossos exploradores.

Notem que não temos o real direito de greve. Assim, também não temos real direito de sair às ruas em defesa de nossas reivindicações.

A dirigente, com sua trupe, foi enquadrada pela assembleia, na qual vários alunos e os professores denunciaram a política perversa de fechamento das salas; a negação de abertura de novas salas do EJA na Escola Plínio; a falta de merenda em Ubatuba; o sucateamento das escolas e as perseguições de professores e alunos que se colocaram à frente da luta em defesa da escola pública, principalmente os que participaram das ocupações.

O ato mostrou que surgiu uma vanguarda forjada na politização dos secundaristas e professores, desde a greve de 92 dias e das ocupações. Estabelecendo que a experiência da ação direta avança a consciência política dos oprimidos. A tarefa primordial, neste momento, é a construção dos grêmios livres, independentes e combativos. A realização das assembleias estudantis é o primeiro passo neste caminho.

## Lições da luta no Anhanguera

EE Anhanguera, como uma escola muito antiga, passou por várias lutas e retrocessos ao longo de sua história. Mas os últimos acontecimentos deixam esta escola marcada para sempre como uma das escolas que impulsionou o grande movimento de ocupação.

No começo de 2015, os estudantes começaram a se organizar para eleger um grêmio. Duas chapas se formam. Uma mais próxima da direção com propostas distracionistas e outra com estudantes combativos, se colocando em oposição à direção (o nome desta chapa era Bolcheviques). Em março, os professores entram em greve. Alguns professores aderiram à greve. Justamente os apoiadores desta chapa. Num dia de paralisação, como piquete na frente da escola, a direção decidiu manter a eleição. Com apenas 80 alunos em todos os períodos, a eleição foi feita e a chapa conciliadora venceu. É claro que os apoiadores da chapa Bolcheviques não entrariam na escola num dia de greve.

A greve durou 3 meses e os estudantes tiveram as melhores lições do ano, lição de que é preciso lutar, não se conformar, nem aceitar os ataques da burguesia e seus governos. Perceberam também que alguns professores traidores da classe entravam na aula de professores grevistas e faziam campanha contra a greve. A greve acabou derrotada, porém, heroica em sua luta e no avanço dos métodos da classe operária. Bloqueios de vias, piquetes, atos massivos e decisões em assembleias. Essas lições foram a escola que os estudantes precisavam.

No segundo semestre, o governo de Geraldo Alckmin/PSDB anunciou que fecharia 93 escolas, sob o pretexto de melhoria no ensino. Sabemos que a motivação real era puramente econômica, para despejar sobre os trabalhadores e seus filhos o custo da crise.

Os professores não conseguiram se erguer novamente e a vitória do governo estava próxima. Eis que o movimento estudantil, baseado em tudo que aprendeu com a greve e com suas próprias condições de vida, se levantou para barrar os ataques do governo. Surgiram as ocupações de escolas.

A escola Anhanguera foi uma das últimas a serem ocupadas, mas rapidamente se tornou uma forte referência para as demais escolas. Foi a última escola a ser desocupada, e nesse período sua luta foi o principal formador político que seus estudantes tiveram nos últimos anos.

Em 2016, os estudantes que participaram da ocupação se organizaram e formaram uma chapa para disputar o grêmio. A direção da escola logo se mobilizou e impulsionou outra chapa. Além disso a UMES (que nunca tinha aparecido na escola) apareceu para impulsionar uma terceira chapa. A chapa Resistência, dos estudantes que participaram da ocupação, venceu as demais, com 3 vezes mais votos que a segunda colocada. Uma demonstração clara de que o movimento foi aprovado pelo conjunto dos estudantes desta escola. A luta não termina aqui. Está no começo. É preciso continuar organizando os demais estudantes. Fazer assembleias regulares. Criar um boletim que possa formar e comunicar ao conjunto as lutas que estão acontecendo.